

## A SEMENTE DO OLHAR NA POESIA DE MIA COUTO

ROCHA, Fernanda Carine Rozeng<sup>1</sup>

THIMOTEO, Saulo Gomes<sup>2</sup>

*Eu venho da poesia.[...] Comecei, portanto, por escrever poesia e depois penso que nunca deixei de ser poeta no sentido de traduzir o sentido mágico da palavra e, ainda hoje, considero que estou escrevendo histórias de forma poética. (Mia Couto)*

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo demonstrar como ocorre o processo de busca de Mia Couto da conexão do homem com o seu ambiente, e como essa relação se constitui em seus aspectos interiores e exteriores. Estes aspectos serão observados por meio da poesia, com os poemas “*Lições*” e “*Elementos*” presentes no livro *Idades Cidades Divindades*. Neste artigo dois aspectos serão mais pontuados: os espaços físicos e os espaços psicológicos. O primeiro será observado em seus aspectos de paisagem e de ambiente, e o segundo em seus aspectos de infância rememorada e devaneio de criança. Dois autores se apresentam como embasamento teórico: Gaston Bachelard que trará um olhar para o devaneio infantil e para a memória reavivada do adulto, bem como olhares voltados aos espaços (físicos e psicológicos); e Michel Collot que observará como serão constituídos os espaços e ambientes físicos que serão representados através dos elementos naturais, principalmente a paisagem e o ambiente que a envolve.

**Palavras-chave:** Mia Couto; Poesia; Paisagem; Infância; Espaço.

**Resumen:** Este trabajo tiene por objetivo presentar como ocurre el proceso de la búsqueda del Mia Couto de la conexión del hombre con su ambiente, y como esa relación se constituye en sus aspectos interiores y exteriores. Estos aspectos serán observados por medio de la poesía, con los poemas “*Lições*” y “*Elementos*” presentes en el libro *Idades Cidades Divindades*. En este artículo dos aspectos serán más punteados: los espacios físicos y los espacios psicológicos. El primero será observado en sus aspectos del paisaje y del ambiente, y el segundo en sus aspectos de la infancia rememorada y el sueño del niño. Dos autores se presentan como embasamiento teórico: Gaston Bachelard nos trace una mirada para el sueño infantil y para la memoria reavivada del adulto, bien como miradas que se vuelven a los espacios (físicos y psicológicos); y Michel Collot que va a observar cómo serán constituidos los espacios y ambientes físicos que serán representados a través de los elementos naturales, principalmente el paisaje y el ambiente que la envuelve.

**Palabras-clave:** Mia Couto; Poesía; Paisaje; Infancia; Espacio.

<sup>1</sup>Acadêmica da 9ª fase do curso de Graduação em Letras: Português e Espanhol -Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, campus Realeza/PR.

<sup>2</sup>Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, campus Realeza/PR.Orientador da acadêmica Fernanda Carine Rozeng da Rocha, no artigo elaborado para o Trabalho de Conclusão de Cursoll.

## 1- O SOLO EM QUE A SEMENTE É PLANTADA: UMA BREVE VISITA A MOÇAMBIQUE

Moçambique é um dos países africanos que por anos esteve sob o poder colonizador de Portugal. Em 1975, o país obteve a sua independência política e econômica, entretanto, continuou amarrado culturalmente a sua ex-metrópole. Thomas Bonnici, no livro *Teória e Crítica Pós-colonialista* afirma que, “A descolonização é o processo de desmascaramento e demolição do poder colonial em todos os seus aspectos. Enganam-se aqueles que pensam que a declaração de independência política produz, por si, a descolonização da mente [...]” (BONNICI, 2009, p. 272). Assim, nas décadas seguintes Moçambique prosseguia em busca de sua independência cultural, o que leva o povo a buscar por uma identidade, surgindo assim um intenso período de guerra civil, já que a independência foi um processo apenas político, não havendo a descolonização da cultura europeia já infiltrada no povo.

Nas décadas que se seguem, há a carência de uma literatura que identifique e una o povo, que os faça perceber que a união entre as diferentes Áfricas presentes em África deve ocorrer pela conexão de todos com a paisagem, com o solo. E para que isso ocorra, é necessária a utilização de uma linguagem que se afirme culturalmente, Bonnici citando Foucault menciona que a linguagem está “no centro do poder social e das práticas sociais. É nesse ponto que se encontra o papel social da linguagem e da literatura como poder hegemônico” (BONNICI, idem, p.259). Com isso observa-se que a literatura estrangeira não supre as necessidades das práticas sociais vivenciadas pelo povo moçambicano. Há ausência de uma linguagem própria daquele solo, sendo assim a literatura enquanto elemento autóctone torna-se um caminho para constituir uma possível unidade.

Num sentido complementar, Fernanda Cavacas no texto *Mia Couto: palavra oral de sabor quotidiano/palavra escrita de sabor literário* afirma, com relação aos indivíduos que “Diferentes nas suas culturas locais e tradições, todos eram iguais quando enfrentavam o administrador ou o colono, todos eram inferiores” (CAVACAS in CHAVES, MACÊDO, 2006, p.58). Com essa afirmação, Cavacas nos diz que a independência cultural em Moçambique ocorre no momento em que os indivíduos de uma mesma terra percebem que, mesmo com suas particularidades culturais (como por exemplo, as tribos que se espalham pelo país), são iguais perante o seu colonizador, que sua cultura comum é subjugada ao discurso deste. Os indivíduos

unem-se como filhos de uma África que se intenta anticolonialista, que segundo Bonnici (2005, p. 15) “O anticolonialismo é a luta dos povos colonizados contra a ideologia e a prática cultural”, os povos se unem tendo sua luta em comum, a luta pela liberdade do solo africano.

Mia Couto (1955-), na década de 70 publica seus primeiros poemas no jornal *Notícias de Beira*, depois transita para a prosa, entretanto o objetivo é o mesmo, enaltecer seu solo, sua paisagem, seu ambiente comum. Embora sua produção mais difundida sejam seus contos e romances, Couto utiliza a linguagem poética como “arma”, fazendo com que, em meio aos seus jogos de palavras e imagens abstratas, figurem questões inerentes ao homem e à sociedade. Neste artigo, pretende-se trabalhar dois aspectos principais que se depreendem de sua poesia: o elemento físico por meio da paisagem, e o psicológico por meio do devaneio e da memória reavivada da infância.

Na obra em prosa mia-coutiana, pode-se perceber a construção de quatro entidades que representam diferentes relações homem-cultura: 1) o europeu que está fora da cultura e do ambiente físico moçambicano; 2) o europeu que está presente no espaço africano e que representa o discurso do poder; 3) o africano-europeizado que está presente no espaço africano e que absorve a cultura européia; e 4) o africano telúrico que busca sua essência na terra, conectando-se a sua raiz. Um dos romances que se pode utilizar para observar essas entidades é *O Último Voo do Flamingo*<sup>1</sup> (2005).

Diante desse esquema básico, o último dos itens (o africano telúrico) é o que mais se sobressai na voz poética de Mia Couto, precisamente por ser o representante dessa voz arraigada em seu lugar. E nessa busca pela origem, podem-se observar duas "origens" para serem resgatadas: a espacial (ambiente) e a temporal (infância), aqui exemplificadas por meio dos poemas. Nesse sentido, Michel Collot observa que “a relação que a experiência da paisagem estabelece entre a extensão de uma região [de um país] e aquele que a observa é uma

---

<sup>1</sup>Nesse romance, é possível observar como ocorre a construção de três dessas entidades - excetuando-se a primeira delas -, através das personagens: O europeu em solo africano é Massimo Risi, enviado da ONU, contudo, ele se deixa envolver pela atmosfera moçambicana e por sua cultura; O africano-europeizado é Estevão Jonas, o administrador que se apresenta como um excesso de deslumbramento pela cultura da Europa, se vendo superior aos de sua terra; e o africano telúrico é Zeca Andorinho, feiticeiro e profundo conhecedor da terra e paisagens africanas, que tem sua essência em seu solo.

modalidade especificamente humana do *vínculo* que une todo ser vivo ao seu meio” (COLLOT, 2013, p.19, *grifos nossos*). Essa perspectiva pode ser observada nos poemas e em seu processo de conectar-se às duas origens, tanto no espaço, com "Elementos", quanto no tempo, com "Lições", ambos extraídos do livro *Idades Cidades Divindades* (2007).

Abordando temas ligados à infância, o espaço e a paisagem, nota-se como acontece o processo de simbiose entre homem e paisagem na busca por um espaço comum. No que diz respeito ao eixo teórico do espaço, Gaston Bachelard, em seu texto, "A casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana", presente no livro *A poética do espaço* (2008), postula que “[...] é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia-a-dia, num ‘canto do mundo’” (BACHELARD, 2008, p.24). Baseando-se nisso Mia Couto nos mostra a paisagem moçambicana como porto seguro para o indivíduo encontrar seu espaço dentro do processo de construção da identidade, nos mostra como o ser vai enraizar-se no solo, estabelecendo-se uma fusão com esse espaço. Em relação à paisagem, Michel Collot, em seu livro *Poética e Filosofia da Paisagem* (2013), diz que “Por definição, a paisagem é um espaço percebido, ligado a um ponto de vista: é uma extensão de uma região[ de um país] que se oferece ao olhar de um observador” (COLLOT, 2013, p.17). Collot nos deixa claro que a experiência vivenciada por todo aquele que observa o meio no qual está inserido é uma extensão do seu próprio país, tornando-se ainda uma extensão do próprio olhar do indivíduo. Ligando-se isso a poesia de Mia Couto, pode-se observar a importância do homem que se liga a terra (ao seu meio), criando uma extensão de Moçambique para com a África, ou seja, a conexão da cultura moçambicana vai além de suas barreiras geográficas, ultrapassa fronteiras por meio de uma paisagem comum sendo esta o solo africano.

## **2- DE FLORES E SEIVAS: A VIDA QUE PULSA EM POESIA**

A partir dos apontamentos feitos, far-se-á a análise de dois poemas representativos de ambas as "origens" (temporal e espacial) previamente mencionadas, do livro *Idades Cidades Divindades*, de Mia Couto.

Com relação à origem temporal, o poema *Lições* apresenta a ânsia pelo paraíso perdido da infância, em que o eu-adulto busca retomar uma conexão perdida com a criança que fora; e na origem espacial, o poema *Elementos*, como o

próprio título sugere, aproxima a terra e a água do próprio poeta, efetuando um jogo transcendente de fecundação.

Com isso, pode-se atribuir uma relação de causa e efeito a esses dois poemas: das Lições aprendidas quando criança, e reaprendidas quando adulto, o poeta pode integrar-se aos Elementos naturais, fundindo-se a eles e conectando-se a essa paisagem, não necessariamente moçambicana, em sentido restrito, mas sim da própria África.

O poema *Lições* faz uma evocação para a inocência da criança, que vê o mundo com naturalidade e candura. O olhar infantil se apresenta como um elemento desvendador (podendo-se resgatar mesmo a interação de Alberto Caeiro com o Menino Jesus, no poema oitavo do *Guardador de Rebanhos*). Gaston Bachelard, em sua *Poética do Devaneio* ao apresentar a conexão existente entre o sonho e a infância, aponta que, “habitamos melhor o mundo quando o habitamos como a criança solitária habita as imagens” (BACHELARD, 1998, p. 97). Isto é de grande relevância ao observamos o poema, pois o eu lírico se apresenta com o olhar de uma criança, e só é possível reconhecer este desejo passado de reabitar a infância, ao efetuarmos uma fusão entre as memórias passadas com as ações (ou inações) presentes. Também é possível observar como ocorre a projeção do adulto no espaço temporal da criança, tendo como objetivo que a descoberta das singularidades da criança projete-se no ambiente espacial do adulto. O poema se desenvolve através de algumas dualidades: devaneio e sonho, perda e lição, esperança e desesperança.

Nesse poema, os primeiros versos irão abordar como o poeta vê essa ausência do aprendizado que não se finda, o aprendizado que está presente enquanto somos crianças, mas que no adulto, se transforma em ausência: “Não aprendi a colher a flor/sem esfacelar as pétalas.” (COUTO, 2013, p.27), ou seja, o adulto possui uma racionalidade e o peso das responsabilidades que não se encontra na criança, pois ela possuiria uma inata vontade de aprender. Os devaneios acabam por abrir o mundo, no caso de “Lições”, essa abertura faz-se por meio de reviver a infância. Nestes versos, o sonho e morada vão mesclar-se entre si, buscando um sentimento de pertença por algo que até o momento não fora aprendido. Como se o adulto olhasse para dentro de si e buscasse o menino, continuamente receptivo em seu “ensinamento natural”.

Nos versos seguintes, o eu- lírico adulto reclama a ausência de um pedaço seu de “menino”, reclama um pedaço de sua infância de quem cose partes, seu sonho de criança com a sua terra de adulto, “Falta-me o dedo menino/de quem costura desfiladeiros.” (idem, p.27), o poeta busca mensurar o tamanho da ausência por meio da carência de uma parte física do “eu lírico”, reavivando uma memória perdida da infância. Bachelard salienta que, “para forçar o passado, quando o esquecimento nos encerra, os poetas nos convidam a imaginar a infância perdida.” (BACHELARD, 1998, p.104), é com esse dedo em devaneio que o poeta almeja coser as suas duas partes da vida: a “relembração” do “passado” com a consciência algo desesperançada do presente que não sonha.

O poeta no decorrer do poema permanece trazendo o adulto que lembra da criança que já fora, “Criança, eu sabia /suspender o tempo,/soterrar abismos/e nomear estrelas./Cresci, perdi pontes,/esqueci sortilégios.” (COUTO, 2013, p. 27). A criança realiza impossíveis, como o próprio fato de suspender o tempo, algo também almejado pelo eu lírico. O poeta traz, nesses versos, a criança como elemento que “brinca” com a ideia do tempo, que nos remete à questão de que na infância não temos a compreensão do que é o tempo, para a criança o tempo, o abismo e as estrelas, não passam de uma fantasia. Porém, agora esse sonho de infância (sem preocupações, sem fugas) ficou no passado, antes de crescer, onde se havia infinitos. No presente momento o adulto esquece a magia de ser criança. Complementando essa ideia, Bachelard observa, sobre o devaneio de infância, “Quando sonhava em sua solidão, a criança conhecia uma existência sem limites. Seu devaneio não era simplesmente um devaneio de fuga. Era um devaneio de alcançar vôo.” (BACHELARD, 1998, p.94), a solidão da criança é aquela em que o tempo não se faz presente, o devaneio da criança é diferente do devaneio do adulto, a criança busca “um mundo sem fronteiras” um lugar em que as estrelas possam ser nomeadas, já o adulto busca a fuga do tempo presente, a tristeza do poeta reside no fato de que, quando criança, voava, e, como adulto, foge.

O poema também apresenta em seus versos uma sonoridade, trazendo os três tempos verbais, “Careço de habilidade da onda,/hei de aprender a carícia da brisa. (COUTO, 2013, p.27), o eu lírico volta ao seu tempo atual, traz o verbo “careço” que representa a falta de algo, e este eu necessita da capacidade de algo natural, a onda, que é suave, e no verso seguinte já dispõe a possibilidade do aprendizado futuro da carícia, também suave, da brisa. Assim sendo, passado e

futuro se unem, gerando um presente onde brisa e onda surgem juntas, água e ar formando esse elo do homem com sua terra e seus elementos naturais.

Nos versos que se seguem, flor, como uma espécie de interlocutora, mostra-se: “Trémula, a haste/ me pede/ o adiar da noite.//Em véspera da dádiva,/a faca me recorda, no gume do beijo,/a aresta do adeus.” (idem, *ibidem*), há a hesitação pela parte que sustenta a flor, ao pedir que a noite não chegue (a morte), que essa claridade (vida) não tenha fim. A faca, por sua vez, traz a simbologia de ser algo que divide, destrói, por ser um objeto utilizado para separar partes. Entretanto, no poema, essa simbologia é desfeita, pois a faca surge beijando a flor. Bachelard aponta que, “para constituir a poética de uma infância evocada num devaneio, cumpre dar às lembranças sua atmosfera de imagem.” (BACHELARD, 1998, p.99), e o poeta busca produzir precisamente essa “atmosfera de imagem”, ou seja, o devaneio do poeta tornado criança vai se valendo de diversos elementos imagéticos, como a flor, a faca e a noite. Para revivermos essa infância perdida é necessário que sejam trazidas à memória as lembranças físicas, imagéticas, sendo que a imagem surge a partir da visão e com ela produz significado construindo a paisagem real, aqui representada por uma flor, representante paisagem, e o estopim para toda essa memória da criança.

O poema se encerra trazendo a ideia de que mesmo com a infância já vivida e rememorada, lembrada durante todo o poema, este eu lírico viverá sempre na ânsia da conquista, do desejo, porém isso não faz com que ele perca a esperança de encontrar em si, em seu solo (sendo que este no poema é representado pela flor) um lugar de recomeços, uma paisagem reconstituída. Isso fica evidente na mudança do sentimento de perda (presente no restante do poema) para uma esperança de auto descoberta, “Não, não aprenderei /nunca a decepar flores//Quem sabe, um dia,/Eu, em mim colha um jardim?” (COUTO, 2013, p.28). Ao mesmo tempo em que ocorre negação plena com a palavra “nunca”, remetendo-se a algo irrealizável, há a esperança da conquista com a expressão “quem sabe”, representando uma possibilidade. Vale lembrar ainda que, ao eu lírico referir-se à paisagem na forma do jardim, há a busca por uma experiência rememorada por seus sentidos, como Collot nos apresenta “Se a paisagem pode aparecer como o lugar de emergência de uma forma de pensamento, é porque a experiência sensível é fonte de sentidos.” (COLLOT, 2013, p.21). Assim, a paisagem aparece então renascida como um novo pensamento, onde as experiências sensíveis trarão a consumação da espera, ou

seja, o fim de um ciclo de esperas e desejos, com o devaneio do adulto voando conjuntamente com o olhar infantil e desvendador.

Após observar-se essa primeira origem, com o salto temporal feito até os devaneios da criança, passa-se à segunda origem, a espacial (aqui representada pela paisagem). O poema "Elementos", por sua vez, aborda a questão do "eu" que se une aos elementos da terra, criando um sentimento de conexão com o lugar de sua vivência, não em forma de exploração de detalhes, mas antes como construção abstrata de um ambiente de sonho. Bachelard, no livro *A Poética do Espaço*, apresenta esse sentimento como uma evocação da terra:

Esses valores de abrigo são tão simples, tão profundamente arraigados no inconsciente, que vamos encontrá-lo mais facilmente por uma evocação do que por uma descrição minuciosa. A nuance, então, exprime a cor. A palavra de um poeta, tocando o ponto exato, abala as camadas profundas do nosso ser. (BACHELARD, 2008,p.32)

Essa evocação estaria presente no poema desde seu início, em que há uma sugestão a partir de elementos da natureza, sendo que o primeiro é água, "Era água, mas ardia.//No centro do teu corpo/ardia.// Como um sol em plena chuva. / ardia" (COUTO, 2013, p.103), era esse líquido chamado água que ardia, ou seja, uma água que arde dentro de si, o sol e a água irão trazer a contradição ao poema, pois o sol arde em plena chuva, fogo e água tem efeitos naturais opostos.

Por conseguinte os próximos versos vão trazer a navegação e o movimento, em contraposição: "Era boca, mas navegava.//Entre beijo e barco se perdia,/água já sem viagem,/navegava.//Rumo a um destino/que fica depois do lugar derradeiro/navegava." (COUTO, idem, p.ibidem), uma boca que viaja ora em um beijo, ora em barco, uma entrega total, porém imprecisa, que tem como a única certeza ponto depois da chegada, ou seja, é um destino para além do destino, como se não houvesse nunca um final.

Na continuação do poema, o eu lírico vai aos caminhos do devaneio, "Pensei que era a noite,/mas era terra." (COUTO, idem, ibidem), aparece então, pela primeira vez, o poeta pronunciando-se ("Pensei"). E, no ambiente de sonho em que estava, ocorre uma inversão de elementos. O que antes era água, agora é terra. O que antes era ardor e fluidez (dia-água), agora era firmeza (noite-terra). Sobre este fato das inversões oriundas dos sonhos, Bachelard declara que "O espaço convida à ação, e antes da ação a imaginação trabalha." (BACHELARD, 2008, p.31). A

imaginação e o devaneio ligados a sua infância integram o indivíduo, tornando-o um elemento que se soma a esta paisagem, ou seja, a paisagem, o espaço, e a ação bem como o devaneio vão congruir entre si, formando um único elo. O espaço sugerido por Mia Couto em *Elementos* transcorre num ambiente onírico (de sonho), embora use associações concretas.

Na estrofe seguinte o poema apresenta a hibridização entre homem e solo, onde um busca ser o refúgio do outro, “Em mim se deitava um corpo/e era eu que me erguia/vazio como um rio nu.” (COUTO, 2013, p.104), ao trazer a palavra “deitava” pode-se compreender que este eu-lírico recebe e oferece a proteção a algo, visto que ao deitarmos é quando necessitamos de descanso, quando esta terra se deita para repousar, é o homem que se levanta.

O ambiente do sonho do poeta é a própria terra e que recebe um outro corpo, refletindo essa associação não com Moçambique propriamente, mas sim com essa vida em estado latente que representa a África, como berço. Collot apresenta um olhar natural sobre essa perspectiva de sonho traduzido em paisagem: “A paisagem como um fenômeno, que não é nem uma pura representação, nem uma simples presença, mas o produto do encontro entre o mundo e um ponto de vista.” (COLLOT, 2013, p. 18). Collot traz esse olhar onde há a interação entre o ambiente e o sujeito, assim como o rio e homem que tornam-se o resultado deste espaço com o olhar do poeta.

Nos versos seguintes, pode-se observar como a terra é dos principais elementos que constituem o espaço, de modo que ela se abre para receber a semente e se fecha para fazê-la brotar: “Terra que entreabria e penetrava/e, afinal, era semente,/flecha de luz,/cinza antes do fogo,/semente” (COUTO, 2013, p. 104). Eis que a semente surge no poema como novo elemento, tornando-se uma flecha que perfura o solo, dotada de grande força (luz), além da inversão de um ser morto que readquire vida, uma cinza que se torna fogo.

Sobre o espaço, que se morre e renasce como a cinza e a semente, Bachelard aponta que, “é pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O *inconsciente permanece nos locais.*” (BACHELARD, 2008, p. 29, *sublinhados nossos*). É nesta terra, neste ambiente que se encontra os restos das culturas e das raças “mortas”, é a cinza que será transformada em fogo, a terra em si é o mais antigo fóssil, que rememora as lembranças do homem e o faz reviver o elemento físico e natural

novamente. O elemento inconsciente se desprende do plano real, e prolonga-se em símbolo.

O poema termina com a estrofe que encerra um ciclo dentro dos elementos: q começando com a água e passando à terra, graficamente fazendo um afunilamento, como a união de ambos para a germinação da semente:

No falso suicídio da estrela-cadente  
era terra  
água  
semente.  
Tu. (COUTO, 2013, p.104)

A estrela-cadente surge, então, como esse elemento que conecta o céu à terra, havendo, inclusive, essa ideia de "morte falsa", ou seja, de algo que, embora pareça que mergulhe para a morte, segue vivendo para além do nosso campo de visão.

Michel Collot observa que “De fato, a noção de paisagem envolve pelo menos três componentes, unidos numa relação complexa: um local, um olhar e uma imagem.” (COLLOT, 2013, p.17). Há no poema, três componentes harmonizando essa paisagem de sonho: o ambiente (local) impreciso em que os elementos se dispõem de modo nebuloso; a voz poética (olhar), que capta esses símbolos dessa necessidade de conectar-se à terra africana; o poema (imagem), que é a tradução em palavras desse envolvimento dos dois termos anteriores.

A estrela-cadente então é assimilada na forma de três elementos que geram vida nova: a terra onde a semente é cultivada, que é o espaço (paisagem) africano; a água que é a responsável por fazer a semente germinar; e o homem que se faz presente através do poema, e sendo responsável por que fazê-lo germinar através de sua vivência. Criando assim o “Tu” que pertence a terra tanto quanto ela pertence a ele. O poema todo desenvolve-se em uma imprecisão, transformando elementos físicos em relances metafísicos, de modo que as entidades presentes no poema (Eu e Tu) são, simultaneamente, solo e gérmen, apontando para a íntima conexão entre o homem africano e a terra à qual pertence.

Os poemas complementam-se, pois, em "Lições", busca-se a retomada da criança pelo adulto, com o poeta procurando trazer os sentimentos e vivências de sua infância para o presente. Em "Elementos", por sua vez, o poeta traz para o eu-lírico a vivência dessa “memória” perdida, onde os elementos naturais (água, fogo,

ar) são irmanados. No primeiro, há a busca de um passado perdido, onde o eu-lírico se vê frustrado no presente, e no segundo, o eu-lírico vivencia esse presente, buscando construir um futuro novo com as bases de seu passado. Devaneio e sonho cruzam-se em ambos os poemas, um possuindo a angústia do poeta adulto de não conseguir ver as coisas com a verdade e imaginação de uma criança. No outro, a visão infantil devaneante faz com que a própria representação africana seja evocada como ponto de fecundação e germinação da vida.

### **3-CONSIDERAÇÕES FINAIS: OS FRUTOS AINDA POR COLHER**

Após essas discussões, analisando os poemas e observando neles o caráter de memória reavivada e espaço reabitado, chega-se a uma breve conclusão com inúmeras possibilidades. O poeta (e o contista, e o romancista) reiteradamente expõe como necessário possuir sempre um olhar "infantado", como criança, havendo a memorização das lembranças e paisagens. Da mesma forma, incita a realizar um novo ciclo de convivências dos espaços externo e interno, para que o homem não só viva na ânsia de um passado já vivido, mas conecte-se novamente com sua paisagem.

Mia Couto busca resgatar continuamente essa afirmação de si, do "eu". Entretanto é uma afirmação que sempre passa pelo olhar infantil (como se percebe em contos como "O menino que escrevia versos", do livro *O fio das missangas*), da mesma forma que passa por uma visitação metafísica da paisagem, com voos de imaginação. Couto possui uma linguagem poética que encanta, que vai além da sua poesia. É uma linguagem repleta de um sentimento amoroso, que busca em si mesma descobrir belezas e mistérios escondidos através das palavras, fazendo-as frutificar.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BACHELARD, Gaston. *A poética do Devaneio*. (trad. Antonio de Pádua Danesi) São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. *A poética do Espaço*. (trad. Antonio de Pádua Danesi) 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BONNICI, Thomas. *Conceitos-Chave da Teoria Pós-Colonial*. 1ª reimpressão. Maringá: Eduem. 2005.

\_\_\_\_\_. *Teoria e crítica pós-colonialistas*. In: BONNICI, T. & ZOLIN, L.O (Orgs). *Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas*. 3ª ed. Maringá: Eduem. 2009.

CAVACAS, Fernanda. CHAVES, Rita. MACÊDO, Tânia.(orgs.) *Mia Couto: Um convite à diferença*. São Paulo: Humanitas, 2013.

COLLOT, Michel. *Poética e Filosofia da Paisagem*. (trad. Ida Alves) 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

COUTO, Mia. *Idades Cidades Divindades*. Alfragide (Portugal): Caminho 2ª ed., 2013.

\_\_\_\_\_. *O estorinhador Mia Couto. Poética da diversidade- conversa com escritor moçambicano no Funchal, 22 de abril de 2002, Madeira, Portugal*. Entrevista concedida a Celina Martins. Funchal, 2002. Disponível em: <http://revistabrasil.org/revista/artigos/celina3.html>. Acesso em 09/05/2015 às 19:55

\_\_\_\_\_. *O Fio das Missangas*. São Paulo. Companhia das Letras. 2009

\_\_\_\_\_. *O Último Voo do Flamingo*. São Paulo. Companhia das Letras. 2005.

PESSOA, Fernando. *Poesia completa- Alberto Caeiro*. Companhia de Bolso. 2005

## **ANEXOS:**

Poema 1:

### LIÇÕES

Não aprendi a colher a flor  
sem esfacelar as pétalas.  
Falta-me o dedo menino

de quem costura desfiladeiros.

Criança, eu sabia  
suspender o tempo,  
soterrar abismos  
e nomear estrelas.  
Cresci, perdi pontes,  
esqueci sortilégios.

Careço de habilidade da onda,  
hei de aprender a carícia da brisa.

Trémula, a haste  
me pede  
o adiar da noite.

Em véspera da dádiva,  
a faca me recorda, no gume do beijo,  
a aresta do adeus.

Não, não aprenderei  
nunca a decepar flores.

Quem sabe, um dia,  
Eu, em mim colha um jardim?

Poema 2:  
ELEMENTOS

Era água, mas ardia.

No centro do teu corpo  
ardia.

Como um sol em plena chuva  
ardia.

Era boca, mas navegava.

Entre beijo e barco se perdia,  
água já sem viagem,  
navegava.

Rumo a um destino  
que fica depois do lugar derradeiro  
navegava.

Pensei que era a noite,  
mas era terra.

Em mim se deitava um corpo  
e era eu que me erguia  
vazio como um rio nu.

Terra que entreabria e penetrava  
e, afinal, era semente,  
flecha de luz,  
cinza antes do fogo,  
semente

No falso suicídio da estrela cadente  
era terra,  
água,  
semente.  
Tu.